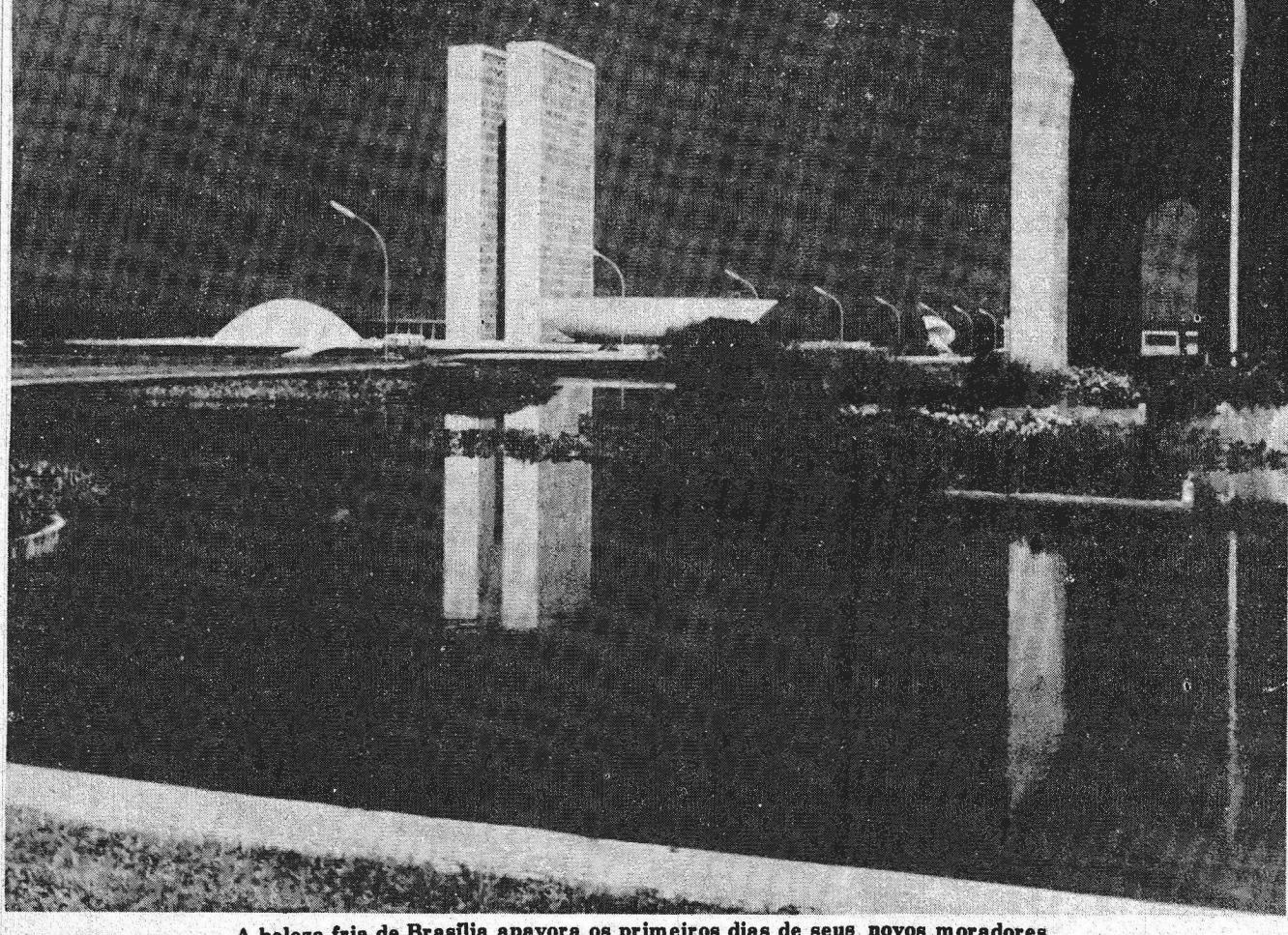


BRASÍLIA: METRÓPOLE OU SIMPLESMENTE MUNICÍPIO?



A beleza fria de Brasília apavora os primeiros dias de seus novos moradores

Jaime Collier Coeli, redator do "Correio", chegou a Brasília recentemente, vindo de São Paulo e de muitas redações de jornais. Ele vive ainda o drama do implante existencial, longe da família, numa cidade feita por estranhos, para acolher estranhos. O texto que se vai ler é espécie de diálogo entre ele e a cidade, cada um querendo saber o que pode dar e o que deve receber. Uma experiência que a maioria dos habitantes de Brasília já viveu ou, como Jaime Collier Coeli, está vivendo.

MITOS DOS 15 ANOS

1. A SOLIDÃO DO PLANALTO

Tem-se chorado em prosa e verso a solidão de Brasília. Um amigo do Instituto Nacional do Livro dizia-me, entre um uísque e outro, que "Brasília é uma condenação". Outro, muito bem posto, lastimava a tristeza de não ter o que fazer. "Você verá que, entre o Gilberto Salomão e o Gilberto Salaminho pouco existe. Deitar-se na grama do Yacht Club não o fará esquecer as areias e o mar. E os burgueses cafés no aeroporto não se igualam ao vai-e-vem da classe média em Congonhas".

Talvez a única solidão real existente no Distrito Federal seja a do cerrado, no verão. Mas até isso está por terminar com a irrigação e o plantio racional. Creio que, se Brasília quiser sofrer de angústia, terá de encontrar outras, mais intrínsecas do que a falta de esquinas, boates ou praias. Talvez as encontre no "divertissement metafísico", que é o verdadeiro esporte municipal.

2. AS RELIGIÕES DE BRASÍLIA

"Amigo, agora que somos íntimos, vejo em você um ímão. Quero fazer-lhe revelação: eu tenho poderes especiais".

São legião: uma simpatia nortista que cura dores de cabeça pela aproximação da mão (*contou-me estória engraçada: na noite de núpcias o marido quis exercer seus direitos e ela não deixava. Por fim ameaçou espancá-la. E ela: "Considero-me batida". E deu no pé.*)

Depois disso, desenvolveu seus poderes especiais); representantes de inúmeras maneiras de conseguir superar dificuldades na vida ou doenças por mais de mil religiões diferentes. E cada um com uma estória parecida humanizando esse breve contato com o além.

Lembrei-me de um livro antigo, esgotado, do saudável João do Rio: "As Religiões no Rio". Deve ser o mal das capitais. Ou talvez tenha sido para mim uma revelação, que nunca levei vida de solteiro tanto tempo em lugar algum - e por isso ando a observar ninharias.

Mas suponho que haja explicação de cunho psicológico: onde o poder aparece de forma tão estonteante, é preciso que os 70 por cento da população não empregada nele diretamente exerceça por si própria algum. Só resta o sobrenatural. Para meu gosto, como gastei (e não lastimo) boa parte de meu tempo de Faculdade estudando "O Ramo Dourado" da Frazer, sobre o procedimento mágico, seus acertos, desacertos, tapeações, surpreendeu-me ver, de inópito, uma pleia tão

grande de feiticeiros excepcionais reunidos. Era pelo menos contra qualquer cálculo estocástico.

A princípio assustei-me. Depois compreendi que há mil maneiras de comunicação e mil tipos de ouvintes. Faço apenas uma ressalva: que eu saiba, o Supremo Arquiteto não aprecia seja seu nome invocado em vão.

3. O TRAFEGO TERRIVEL

"Morre-se com muita facilidade no Grande Eixo quando chove. Este tráfego é terrível".

Realmente isso é verdade talvez pela velocidade permitida, talvez pelas lombadas e inclinações da pista. Mas esse é o mal de todas as vias expressas brasileiras. Especialista nesse tipo de rodovias dizia-me que não tinha tido a possibilidade de planejar uma com o escoamento de águas pluviais adequado - e era responsável pelas vias expressas em estudo em São Paulo.

Mas o tráfego é terrível, os congestionamentos do Setor Comercial Sul já preocupam: falta espaço na cidade em que o espaço era livre e a preço vil. E nisto os brasilienses têm razão de queixa. É também cidade do automóvel, em que o coletivo - planejado talvez por gente que só use carros oficiais - não cumple suas funções.

4. A FALTA DE DINHEIRO

"O dinheiro não pára aqui. Quando as edificações são contratadas a firmas de outros Estados os departamentos de compra, centralizados, deixam no Distrito Federal apenas os salários da mão-de-obra; tudo que você vê nesta sala foi comprado fóra de Brasília. O dinheiro flui, esvaise. Algumas empresas maiores mantêm uma remessa direta de dinheiro. Nós ficamos com muito pouco: tudo aquilo depende dos salários governamentais. Houve lojas que fecharam, correndo atrás de miragem: tinham capital de giro que dava para atender a determinada clientela. Para aumentar o número de compradores, passaram a funcionar com o capital de giro no negativo. Eventual retração de compras as pegava com estoques repletos e sem dinheiro para efetuar pagamentos. E assim empresas de fora ocupavam o lugar".

Dante de choro tão forte, lembrei que o comércio poderia optar por instalar unidades de produção - qualquer coisa ou, pelo menos, no setor de alimentação e vestuário. Acusaram-me de ser partidário da poluição.

5. AUTORIDADE DELEGADA

José Carlos de Oliveira criou uma expressão - AS-PONE - para designar aquelas personalidades que jamais podem falar, dificilmente encaminham algum assunto e frequentemente pedem tempo para solicitar orientação superior. Brasília é o paraíso deles, e o único jeito de alguém exercer o jornalismo aqui é tratar de conhecer os superiores. Senão, toma um chá de cadeira perpétuo. Houve um aspere que, para sonegar informação, tentou me explicar o que era ser bom brasileiro. Tive de revidar: Até prova em contrário sou tão bom brasileiro quanto Vossa Senhoria. Falsa modéstia. Tenho certeza de que sou melhor.

6. AS PH-5

Levei um tempo enorme para decorar as diferenças sutis que o arquiteto tentou

criar acima da W/3 classificando os tipos de moradia populares (apesar de estarem algumas, na atualidade,

a preço acima dos quinhentos milhões) em HP-3, HP-5 etc. afinal descobri que é uma região com grande número de pensões.

Deterioração urbana ou a lei do eterno retorno afirmando que o que era para ser popular acaba sendo pelo menos popularesco?

7. QUEM PAGA QUEM?

"Eu pagaria de bom grado o hotel se tivesse recebido as comissões que

não me pagam há oito semanas. Mas não se preocupe: pode pendurar o almoço na cantina. Não deixe para dever amanhã o que

pode dever hoje, pois certamente o que deverá receber, amanhã, somente

sairá no mês que vem".

A princípio pensei que era brincadeira. Depois percebi que o brasiliense é fogoso para pagar e sofre para

receber. Mas não tem importância: os calotes de alugueres são dados com

dois fiadores de garantia. Isso confirma o ditado: "Na

falta de confiança, nada pior que o excesso de garantias".

PERSONAGENS

1. ALMOÇO

Encontramo-nos no restaurante vazio - os dois fora da hora usual de almoço. Sentamo-nos em mesas

separadas, mas frente a frente, ambos remoendo o incomodo sentimento de boi que come ou bebe só. E principiamos - meu contendor ou parceiro, não sei - o mesmo almoço solitário e cheio de requintes, justamente para disfarçar a solidão, em

mesas diferentes.

Comiamos lentamente, sem pressa, esgotando o

vazio do estômago, mas não

o do ambiente e nem da alma. Súbito, notei que seus

gestos estavam mais lentos que o meu, mais tristes. Pensei:

- Então a você também pegou-lhe o sentimento do ambiente vazio, da solidão à mesa?

Estavamos ambos alimentados, derrotados, pobres, exangues. Mas estávamos na capital da República, exercendo nossas profissões.

E com a comida difícil de

descer, para o estômago paradoxalmente famito.

2. MULHERES OCASIONALMENTE

Primeiro observei que as mulheres de Brasília adoram martini. Depois reconheci que esta é um vício

mundial.

Por fim percebi que elas,

principalmente as jovens,

têm algo a ver com o dedo do

arquiteto: são quase todas

de linhas inacabadas, criando

uma sensualidade de

"suspense", baseada mais

no que podem vir a ser, do

que podem conter, do que na

exuberância da obra acabada

e oferecida ao morador. As mulheres de Brasília estão em obras.

Tais como as árvores dos

cerrados, as mulheres que

aqui cresceram (abaixo de

vinte e cinco anos), são ex-

tremamente fincadas à

terra, com sólidos alicerces

e bases exuberantes. Falta-

lhess, frequentemente, maior

desenvolvimento nas fo-

lhagens.

Exatamente como a cul-

tura planaltina, as mulheres

de Brasília frequentemente

frequentam faculdades. Mas

a biblioteca é parca, a infor-

mação é pequena, e a agi-

lidade intelectual não é

grande. Sobre-lhes a malícia

imediato, a agilidade

para o material, a firmeza da cobrança dos alicerces.

Mulheres de Brasília, que passaram em pouco tempo do "Milkshake" ao martini (duas beberagens horríveis), não se lhes pode negar todavia a qualidade máxima da espécie. Adoráveis, "at all".

3. OS BÊBADOS

Os bêbados da Ceilândia, nos fins de semana, principiam seu ritual no campo de futebol e terminam nos botecos, onde a agressividade é dirigida para uma provável troca de sopapos.

São pessimamente compreendidos pela polícia ou pelos reporteres, que tentam negar-lhes o sistema normal de compensação pelas frustrações. Fosse prefeito, instalaria "pushing balls", sacos de areia e demais apetrechos, com "slogans" provocativos à portas dos botecos. E eles estariam felizes às segundas-feiras.

Os cavalheiros que bebem profissionalmente nos cocktails têm frequentemente o melhor whisky e podem esgrimir polidamente seus conhecimentos sobre economia, política, artes plásticas ou negócios. Com a vantagem que, muito mais treinados na nobre arte da esgrima, podem verter as frustrações sem graves problemas sociais.

Aos bêbados, ortodoxos ou profanos, eruditos ou analíticos, técnicos ou mão-de-obra não qualificada, rendo minhas homenagens. Sem

eles não haveria um único assunto "curtido" em Brasília e em lugar nenhum do mundo. São péssimos ouvintes, mas são presentes, comungam a hostia de qualquer tolice. São ótimos. E todos nos empenhamos nesse rodízio de iniciação aos assuntos palpitantes nossas provável cirrose futura.

METROPOLE OU MUNICÍPIO?

Não é intrinsecamente boa nem má. Como município, é, em termos nacionais, um dos que têm melhor infra-estrutura.

Como metrópole, sofre o ataque dos saudosistas. Não entendi, por exemplo, porque a Asa Sul é mais "bem" do que a Asa Norte, a não ser por comparação com o Rio de Janeiro. Em São Paulo, as áreas perto do aeroporto são desvalorizadas em virtude do barulho: em Brasília são disputadas, por darem "status".

Mas não é nas comparações com Rio e São Paulo que Brasília se define como metrópole ou município.

Terá de definir-se intrinsecamente, pelo seu fôlego próprio, e pela Região que influenciar. As decisões políticas são importantes,

mas terminam sendo nacionais e não apenas brasilienses. Brasília, para ser metrópole, terá de ter personalidade própria: econômica e cultural. Por incrível que pareça, a definição do caráter de Brasília se dará na parcela da população não empregada pelos setores públicos.

E esta ainda é muito heterogênea, muito pobre, muito preocupada — no seu nível mais alto — em colecionar diplomas e não ter cultura, no sentido da Paidea, por exemplo.

Brasília é um grande município. E será metrópole. Mas não apenas pela transferência de órgãos dos poderes públicos.